



Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Letras, Linguística e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas 2

Atena
Editora
Ano 2019

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Letras, Linguística e Artes: Perspectivas
Críticas e Teóricas 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L649	Letras, linguística e artes: perspectivas críticas e teóricas 2 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Letras, Linguística e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-378-1 DOI 10.22533/at.ed.781190506 1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. II. Série. CDD 407
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Uma grande partilha de saberes é revelada neste livro aos diversos leitores e interlocutores desta obra. Todos os trabalhos que dão formas a este livro partem de correntes teóricas e práticas em que os autores se identificam, além disso, esta coletânea revela e mostra como as múltiplas motivações cooperam para a ampliação dos conhecimentos a serem adquiridos pelos sujeitos que aceitam o desafio de desbravar cada estética e poética textual.

Neste segundo volume da coletânea, a diversidade de temas tratados insere-se na tríade: *letras, linguística e artes*. São tratados neste livro quarenta e um trabalhos de variados autores que admitem a necessidade de realização e amostragem da pesquisa científica, porque mesmo alguns dizendo que no Brasil não se produzem conhecimentos, mostramos que produzimos sim, produzimos muita ciência.

No primeiro capítulo, os autores demonstram a importância cultural imaterial existente nos mitos e lendas da cidade de Barreirinhas, Estado do Maranhão. No segundo capítulo, alguns resultados são apresentados sobre a realização do procedimento sequência didática a partir de um gênero textual. No terceiro capítulo são compreendidos os diversos aspectos na obtenção das noções gerais do processo administrativo fiscal.

No quarto capítulo, os autores problematizam reflexões sobre as polêmicas existentes entre os conceitos de normalidade e anormalidade. No quinto capítulo, a autora analisa o conto *A Igreja do Diabo*, de Machado de Assis, sob o viés do Discurso Religioso. No sexto capítulo há uma exposição de uma pesquisa cujo tema foi a aprendizagem da língua inglesa com o uso de jogos pedagógicos como estratégias de motivação para o aluno aprender um idioma estrangeiro.

No sétimo capítulo, os autores relatam uma experiência desenvolvida no Ensino Médio Integrado do Campus Paraíso do Tocantins, do Instituto Federal do Tocantins. No oitavo capítulo o ensino de língua inglesa para crianças é tomado como ponto de reflexão. No nono capítulo, a autora apresenta resultados parciais de entrevistas referentes ao ensino de língua italiana para a terceira idade.

No décimo capítulo, os autores relatam algumas experiências vividas durante um projeto de ensino de língua italiana voltado ao público infantil. No décimo primeiro capítulo, as autoras apresentam os aspectos referentes ao funcionamento do cérebro humano no ato de ler e os aspectos cognitivos envolvidos na leitura. No décimo segundo capítulo, a autora analisa como os discursos médicos sobre a loucura e as instituições estatais à enfermidade psíquica se destoam da descrição dos internos a respeito da experiência da insanidade e com o respectivo aparato clínico e institucional.

No décimo terceiro capítulo, as autoras discutem a inclusão do internetês como prática escolar em uma tentativa de aproximação do ensino da língua portuguesa com a realidade dos alunos. O autor do décimo quarto capítulo apresenta e sugere algumas estratégias de ensino no contexto da Educação de Jovens e Adultos, reiterando que

não devem ser seguidas como fórmulas infalíveis, mas como formas de problematizar as práticas de professores. No décimo quinto capítulo é discorrido sobre a conceituação de reificação do sujeito, concebida pelo filósofo alemão Axel Honneth.

No décimo sexto capítulo, os autores discutem como o Programa Inglês sem Fronteiras, na Universidade Federal de Sergipe tem contribuído para a formação de professores de língua inglesa. No décimo sétimo capítulo, as autoras sistematizam as relações musicais e sociais de um grupo de jovens no decorrer de encontros de musicoterapia, utilizando-se da pesquisa qualitativa. No décimo oitavo capítulo, as autoras analisam e investigam os efeitos de sentidos dos discursos sobre a inclusão do sujeito surdo no ensino regular.

No décimo nono capítulo é discutido a subutilização do texto poético em salas de aula do Ensino Fundamental. No vigésimo capítulo, as autoras apresentam uma análise sobre a organização pedagógica do trabalho com Educação Física na Educação Infantil do Campo, identificando o lugar que ocupam os jogos e as brincadeiras no universo escolar das crianças do campo. No vigésimo primeiro capítulo, o autor averigua a incidência de textos sagrados das tradições monoteístas do Judaísmo, do Cristianismo e do Islamismo no romance *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar.

No vigésimo segundo capítulo são propostas algumas reflexões sobre a atuação do psicólogo dentro do universo escolar. No vigésimo terceiro capítulo, os autores estabelecem ligação entre a arte urbana e o geoprocessamento, com a finalidade de explorar a pluralidade de leituras do espaço urbano do município do Rio Grande – RS. No vigésimo quarto, a autora reflete sobre o trabalho com a produção, correção e reescrita textual, decorrente de um processo de Formação Continuada de ações colaborativas promovidas pela pesquisadora.

No vigésimo quinto capítulo, a autora apresenta resultados de uma pesquisa que problematiza a maneira como uma coletânea de material didático de língua inglesa para o ensino médio é investigada. No vigésimo sexto capítulo, a autora explora o possível auxílio que os dicionários de sinônimos poderiam oferecer a estudantes de espanhol de níveis mais avançados que necessitam executar tarefas pedagógicas de produção. No vigésimo sétimo capítulo um projeto de extensão e todas as suas etapas são apresentados pelas autoras.

No vigésimo oitavo capítulo, as autoras refletem as relações entre linguagem e poder por meio de análises de posicionamentos dos internautas em notícias veiculadas em sites e postagens em mídias sociais que mostrem a influência do uso da norma culta e debates sobre a língua. No vigésimo nono capítulo, a autora problematiza a representação sobre o indígena como cultura minoritária constituída pela esfera jurídico-administrativa cujo eco discursivo repercute na esfera educacional brasileira. No trigésimo capítulo, os autores discorrem sobre as noções de sentidos no Curso de Linguística Geral, de Ferdinand de Saussure, abordando questões de sentido e referência de um sistema linguístico.

No trigésimo primeiro capítulo, a autora desenvolve a ação pedagógica adotando

uma postura interdisciplinar e de trabalho em equipe, construindo competências e saberes educacionais, além de colaborar com a formação musical dos integrantes do grupo. No trigésimo segundo capítulo, os autores estudam o sofrimento amoroso e a afinidade do amor nas canções brasileiras passionais separando-as em duas subcategorias. No trigésimo terceiro capítulo, os autores colocam em discussão a linguagem audiovisual da série animada estadunidense de humor *South Park*, no tratamento da religião islâmica como forma de desobediência e resistência ao chamado radicalismo religioso do grupo Estado Islâmico.

No trigésimo quarto capítulo, os autores propõem uma nova sequência didática para trabalhar o gênero textual cardápio nas aulas de língua inglesa. No trigésimo quinto capítulo, os autores apresentam uma leitura do romance juvenil *O Fazedor de Velhos*, de Rodrigo Lacerda, alisando os elementos estruturais da narrativa, como a configuração da personagem principal, do espaço e do narrador. No trigésimo sexto capítulo, os autores investigam o romance *Rua do Siriri*, de Amando Fontes, com a finalidade de elucidar como as mulheres viviam durante o período histórico discutido no texto literário.

No trigésimo sétimo capítulo, as autoras investigam os estereótipos veiculados pelo discurso midiático referente à ocupação da mesa do senado durante a Reforma Trabalhista, 2017. No trigésimo oitavo capítulo, a autora verifica como os livros didáticos de Língua Portuguesa do segundo ciclo dos anos iniciais do ensino fundamental indicados pelo Ministério da Educação, por meio do Plano Nacional do Livro Didático, 2016, apresentam e exploram a variação linguística. No trigésimo nono capítulo, a autora apresenta um estudo investigativo à luz dos vínculos linguístico-culturais e identitários de professores de língua inglesa.

No quadragésimo capítulo, a autora analisa a natureza de contexto a partir de dados obtidos em grupos de leitura compartilhada sob uma perspectiva ecológica. E, por fim, no quadragésimo primeiro capítulo, o contexto da Educação Infantil na relação com a formação de professores representa o foco de discussão, partindo, sobretudo da cultura corporal nesse contexto de ensino.

Desejamos aos leitores um proveitoso passeio pelas reflexões inseridas em cada capítulo e que as teorias e as práticas sejam capazes de problematizar a construção de novos conhecimentos aos interlocutores que queiram desvendar esta coletânea.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
MEMORIA CULTURAL: OS MITOS E AS LENDAS QUE ENCANTAM A COMUNIDADE E VISITANTES DE BARREIRINHAS – MA	
Fernanda Carvalho Brito	
Monique de Oliveira Serra	
Michelle de Sousa Bahury	
Luciano Torres Tricário	
DOI 10.22533/at.ed.7811905061	
CAPÍTULO 2	13
MINHA TERRA TEM HISTÓRIAS-O GÊNERO CORDEL NO ALEGRE	
Aleide Josse Rodrigues Ataide Costa	
Rosilene Alves de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.7811905062	
CAPÍTULO 3	28
NOÇÕES GERAIS DO PROCESSO ADMINISTRATIVO FISCAL	
Marina de Alcântara Alencar	
Priscila Francisco da Silva	
Marcondes da Silveira Figueiredo Junior	
DOI 10.22533/at.ed.7811905063	
CAPÍTULO 4	36
NORMALIDADE E ANORMALIDADE	
DISCUTINDO ENQUADRAMENTOS COMPORTAMENTAIS	
Paulo de Tasso M. de Alexandria Junior	
Jéssica Gontijo Nunes	
Juliane Hirosse Malizia	
Mariana Araújo Bichuete Cavalcante	
Millais Lariny Soares Rippel	
DOI 10.22533/at.ed.7811905064	
CAPÍTULO 5	52
O DISCURSO RELIGIOSO NO CONTO A IGREJA DO DIABO, DE MACHADO DE ASSIS: INTERTEXTUALIDADE ENTRE BÍBLIA E LITERATURA	
Priscilla Cruz Delfino	
DOI 10.22533/at.ed.7811905065	
CAPÍTULO 6	69
O ENSINO DE INGLÊS POR MEIO DE JOGOS PEDAGÓGICOS: UMA ESTRATÉGIA PARA O ENVOLVIMENTO ATIVO DO ALUNO COM A APRENDIZAGEM DE UM NOVO IDIOMA	
Claudecy Campos Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.7811905066	

CAPÍTULO 7	85
O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA DE FORMA INTERDISCIPLINAR, INTERCULTURAL E LÚDICA: ESPANGLISH, UM EXEMPLO DE INOVAÇÃO	
Graziani França Claudino de Anicézio Márcia Sepúlveda do Vale Roberto Lima Sales	
DOI 10.22533/at.ed.7811905067	
CAPÍTULO 8	95
O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA PARA CRIANÇAS NO PIBID: APRENDIZADOS E EXPERIÊNCIAS	
Anna Clara de Oliveira Carling Riscieli Dallagnol	
DOI 10.22533/at.ed.7811905068	
CAPÍTULO 9	104
O ENSINO DE LÍNGUA ITALIANA PARA A TERCEIRA IDADE	
Wânia Cristiane Beloni	
DOI 10.22533/at.ed.7811905069	
CAPÍTULO 10	115
O ENSINO DE LÍNGUA ITALIANA PARA CRIANÇAS	
Alessandra Camila Santi Guarda Gabriel Bonatto Roani Wânia Cristiane Beloni	
DOI 10.22533/at.ed.78119050610	
CAPÍTULO 11	125
O FUNCIONAMENTO DO CÉREBRO E OS PROCESSOS COGNITIVOS ENVOLVIDOS NO ATO DE LER NUMA PERSPECTIVA DA NEUROCIÊNCIA	
Silvana Lúcia Costabeber Guerino Janaína Pereira Pretto Carlesso	
DOI 10.22533/at.ed.78119050611	
CAPÍTULO 12	132
O HOSPÍCIO EM DISPUTA: O DISCURSO MÉDICO E A LITERATURA BARRETEANA	
Roberta Teixeira Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.78119050612	
CAPÍTULO 13	147
O INTERNETÊS NA ESCOLA	
Lidiane da Silva Alves Marta Marte Guedes	
DOI 10.22533/at.ed.78119050613	
CAPÍTULO 14	155
ESTRATÉGIAS DE ENSINO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.78119050614	

CAPÍTULO 15	164
O NÃO RECONHECIMENTO DO OUTRO E A EDUCAÇÃO: A REIFICAÇÃO DE AXEL HONNETH	
Caroline Mitidieri Selvero	
DOI 10.22533/at.ed.78119050615	
CAPÍTULO 16	175
O PROGRAMA INGLÊS SEM FRONTEIRAS E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE INGLÊS: LEGISLAÇÃO E PERCEPÇÕES	
Luana Inês Alves Santos	
Sérgio Murilo Fontes de Oliveira Filho	
DOI 10.22533/at.ed.78119050616	
CAPÍTULO 17	181
O QUE EXPRESSAM OS JOVENS QUANDO CRIAM MÚSICA: A MUSICOTERAPIA MEDIANDO INTERAÇÕES	
Neide A. Silva Gomes	
Rosemyriam Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.78119050617	
CAPÍTULO 18	195
O SUJEITO SURDO NO ENSINO REGULAR: ANÁLISE DOS DISCURSOS DA LEI 10.436 E DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO	
Maria Andreia Lopes da Silva	
Marilza Nunes de A. Nascimento	
Claudete Cameschi de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.78119050618	
CAPÍTULO 19	205
O TEXTO POÉTICO EM SALA DE AULA: ESSE BEM INCOMPREENSÍVEL	
Valdenides Cabral de Araújo Dias	
DOI 10.22533/at.ed.78119050619	
CAPÍTULO 20	218
O TRABALHO PEDAGÓGICO COM JOGOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL DO CAMPO	
Elizabeth Pereira Barbosa	
Luciana Freitas de Oliveira Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.78119050620	
CAPÍTULO 21	230
OS PALIMPSESTOS SAGRADOS DA <i>LAVOURA ARCAICA</i>	
Raphael Bessa Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.78119050621	
CAPÍTULO 22	243
PENSANDO O FAZER DA PSICOLOGIA NO AMBIENTE ESCOLAR	
Luiza Bäumer Mendes	
Marcele Pereira da Rosa Zucolotto	
DOI 10.22533/at.ed.78119050622	

CAPÍTULO 23	249
POÉTICAS URBANAS: CARTOGRAFIA DE GRAFFITI EM RIO GRANDE/RS	
Bianca de Oliveira Lempek De-Zotti Christiano Piccioni Toralles Raquel Andrade Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.78119050623	
CAPÍTULO 24	262
PRÁTICAS DIALÓGICAS DE LINGUAGEM: REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO EM SALA DE AULA COM OS COMANDOS DE PRODUÇÃO TEXTUAL COMO ATIVIDADE DE INTERAÇÃO	
Dayse Grassi Bernardon	
DOI 10.22533/at.ed.78119050624	
CAPÍTULO 25	274
PROCESSO DE DESTERRITORIALIZAÇÃO EM ATIVIDADES DE LI	
Silvelena Cosmo Dias	
DOI 10.22533/at.ed.78119050625	
CAPÍTULO 26	290
PRODUÇÃO TEXTUAL NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA: A CONTRIBUIÇÃO DOS DICIONÁRIOS DE SINÔNIMOS	
Laura Campos de Borba	
DOI 10.22533/at.ed.78119050626	
CAPÍTULO 27	305
PROJETO DE EXTENSÃO: LEARN ENGLISH	
Tamara Angélica Brudna da Rosa Victória Botelho Martins	
DOI 10.22533/at.ed.78119050627	
CAPÍTULO 28	310
RELAÇÕES DE PODER DECORRENTES DO DOMÍNIO DA NORMA CULTA: REFLEXÕES A PARTIR DE TEXTOS VIRTUAIS	
Caroline Melo Ana Amélia Furtado de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.78119050628	
CAPÍTULO 29	326
REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO INDÍGENA EM DOCUMENTO OFICIAL E SUA REPERCUSSÃO NO CENÁRIO EDUCACIONAL BRASILEIRO	
Icléia Caires Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.78119050629	
CAPÍTULO 30	342
SAUSSURE E WITTGENSTEIN: SENTIDO E REFERÊNCIA NO INTERIOR LINGUAGEM LÓGICO- FORMAL	
Julio Neto dos Santos Ivanaldo Oliveira dos Santos Filho Daniella Brito Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.78119050630	

CAPÍTULO 31	352
SÉRIE CONCERTOS DIDÁTICOS DA “CONFRARIA DE LA YERBA”	
Carla Eugenia Lopardo	
DOI 10.22533/at.ed.78119050631	
CAPÍTULO 32	361
SOFRIMENTO AMOROSO E FINITUDE DO AMOR NA CANÇÃO BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: ANÁLISE DE DUAS CANÇÕES	
Carlos Vinicius Veneziani dos Santos	
Gabriela Ramalho da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.78119050632	
CAPÍTULO 33	376
SOUTH PARK E O ESTADO ISLÂMICO: A LINGUAGEM AUDIOVISUAL COMO FORMA DE DESOBEDIÊNCIA E RESISTÊNCIA	
Lucas Mestrinheire Hungaro	
Roselene de Fátima Coito	
DOI 10.22533/at.ed.78119050633	
CAPÍTULO 34	384
TO SEE OR TO EAT? - A REFORMULAÇÃO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA DO GÊNERO CARDÁPIO	
Camila Rangel de Almeida	
Esther Dutra Ferreira	
Joane Marieli Pereira Caetano	
Laís Teixeira Lima	
Carlos Henrique Medeiros de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.78119050634	
CAPÍTULO 35	397
UM HERÓI EM FORMAÇÃO: O PASSAR DO TEMPO EM <i>O FAZEDOR DE VELHOS</i> , DE RODRIGO LACERDA	
Marcilene Moreira Donadoni	
José Batista de Sales	
DOI 10.22533/at.ed.78119050635	
CAPÍTULO 36	413
UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DA MULHER EM <i>RUA DO SIRIRI</i> , DE AMANDO FONTES	
Viviane da Silva Valença	
Alisson França Santos	
DOI 10.22533/at.ed.78119050636	
CAPÍTULO 37	422
UMA INVESTIGAÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS VEICULADOS PELO DISCURSO MIDIÁTICO SOBRE A OCUPAÇÃO DA MESA DO SENADO DURANTE A REFORMA TRABALHISTA EM 2017	
Camila Kayssa Targino Dutra	
Verônica Palmira Salme Aragão	
DOI 10.22533/at.ed.78119050637	

CAPÍTULO 38	437
VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA DO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL I	
Mirely Christina Dimbarre	
DOI 10.22533/at.ed.78119050638	
CAPÍTULO 39	449
VÍNCULOS LINGUÍSTICO-CULTURAIS E IDENTITÁRIOS DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA	
Luciana Specht	
DOI 10.22533/at.ed.78119050639	
CAPÍTULO 40	459
LINGUÍSTICA ECOLÓGICA: A NATUREZA DO CONTEXTO EM UMA PRÁTICA DE MULTILETRAMENTOS	
Raquel Souza de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.78119050640	
CAPÍTULO 41	468
A CULTURA CORPORAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES	
Joseane da Silva Miller Rodrigues	
Eliane Aparecida Galvão dos Santos	
Fernanda Figueira Marquezan	
DOI 10.22533/at.ed.78119050641	
CAPÍTULO 42	476
O CAMPO DA ARTE E SUAS RELAÇÕES COM A TECNOLOGIA: REALIDADE VIRTUAL	
Michelle Sales	
DOI 10.22533/at.ed.78119050642	
SOBRE O ORGANIZADOR	490

O HOSPÍCIO EM DISPUTA: O DISCURSO MÉDICO E A LITERATURA BARRETEANA

Roberta Teixeira Nascimento

Universidade do Estado da Bahia, Departamento
de Ciências
Humanas e Tecnologias, Campus XVIII, Eunápolis
– Bahia

RESUMO: Uma das facetas da literatura de Lima Barreto mostra a visão de um interno do hospital psiquiátrico no período da primeira república, desta forma, abre-se espaço para uma análise que leva em conta fatores extraliterários da obra: a questão histórica sobre o espaço manicomial; os preceitos teóricos e médicos da época e a experiência da loucura; e como Lima Barreto expõe sua visão de interno a respeito das práticas médicas. Visto isso, no presente capítulo analisaremos como esses discursos médicos sobre a loucura e as instituições estatais à enfermidade psíquica se destoam da descrição dos internos a respeito da experiência da insanidade e com o respectivo aparato clínico e institucional. Sendo analisado como se mostra o discurso médico da época em que foram escritos e publicados os romances *Diário do Hospício* e *O Cemitério dos Vivos* e qual o discurso barreteano sobre o mesmo.

PALAVRAS-CHAVE: Manicômio. Lima Barreto. Discurso médico. Literatura e História.

ABSTRACT: One of the facets of the literature

of Lima Barreto shows the vision of an intern of the psychiatric hospital in the period of the first republic, thus opens space for an analysis that takes into account extraliterary factors of the work: the historical question about the manicomial space; the theoretical and medical precepts of the time, and the experience of madness; and how Lima Barreto exposes his inner vision regarding medical practices. Given this, in this chapter we shall examine how these medical discourses about madness and state institutions of psychic illness depart from the inmates' description of the experience of insanity and its clinical and institutional apparatus. In order to establish the analysis, it was observed the medical discourse of the time in which the novels *Diário do Hospício* and *Cemitério dos Vivos* were written and published and what the Barreto discourse was about.

KEYWORDS: Asylum. Lima Barreto. Medical speech. Literature and History.

1 | INTRODUÇÃO

Um dos enfoques da literatura de Lima Barreto mostra a visão de um interno do hospital psiquiátrico no período da primeira república, desta forma, abre-se espaço para uma análise que leva em conta fatores extraliterários da obra: a questão histórica sobre o

espaço manicomial; os preceitos teóricos e médicos da época e a experiência da loucura; e como Lima Barreto expõe sua visão de interno a respeito das práticas médicas. Visto isso, o presente capítulo analisa como esses discursos médicos sobre a loucura e as instituições estatais e a enfermidade psíquica se destoam da descrição dos internos a respeito da experiência da insanidade e com o respectivo aparato clínico e institucional. Desta forma, mostra-se relevante para a análise histórica acerca do espaço manicomial, observado como se mostra o discurso médico da época em que foram escritos e publicados os romances *Diário do Hospício* e *O Cemitério dos Vivos* e qual o discurso barreteano sobre o mesmo. Sendo o texto literário tido como o objeto a ser interpretado, considerando a relação com o contexto no qual foi produzido e publicado. Na primeira sessão do capítulo, é elaborada uma discussão acerca da questão histórica manicomial, na segunda sessão, traz-se a perspectiva da literatura como fonte histórica. Sendo a terceira sessão as análises, onde são apresentados os recortes feitos das falas de médicos, que exemplificam as concepções médicas do período, sendo contrastadas com a visão de Lima Barreto.

2 | MANICÔMIO, QUESTÃO HISTÓRICA

No final da década de 80 do século XIX, com a extinção da monarquia, é instalado o regime republicano no Brasil, esta mudança é acompanhada também por mudanças do enfrentamento da loucura. O nascimento da psiquiatria brasileira no século XIX se coloca para a sociedade como novo objeto de controle social dos indivíduos e das populações, se voltando para a prevenção das doenças, dos desregramentos morais e degradações sociais, em razão de:

A sociedade brasileira passou a ser abordada, neste período de passagem do Império para o regime republicano, como um corpo doente e mestiço que requeria intervenção médica. Este contexto marcado por epidemias e pelo aumento das estatísticas de loucura, de criminalidade e de alcoolismo (WEYLER, 2006, p. 20).

Lima Barreto, que faz parte de um ambiente político da geração pós-abolicionista da Primeira República, expõe em sua escrita seu desagrado e descrença em relação ao projeto republicano, que tinha o discurso do progresso e da modernização, mas que alimentava uma sociedade injusta, desigual e que mantinha privilégios e que excluía homens e mulheres que eram considerados indesejados. Lima vivenciou o crescimento destas práticas médicas, que se voltavam cada vez mais para uma perspectiva de higiene moral. O entendimento médico da época considerava a loucura como hereditário e degenerescente, sendo o principal referencial teórico do alienismo, como coloca Weyler,

A teoria da degenerescência, base da eugenia. Atribuía-se à loucura um caráter hereditário, transmitida em graus crescentes através das gerações. As classes sociais inferiores, compostas por indivíduos degenerados, eram portadoras de “maus hábitos”, “vícios” e “ociosidade” que alimentavam a vesânia (WEYLER, 2006, p. 21).

Isto tornou a loucura uma ameaça constante ao meio social, visto que a teoria da degeneração sempre esteve ligada a questão racial. Em vista disso, negros e mestiços eram colocados como pouco evoluídos e inferiores. A teoria da degeneração torna-se hegemônica e logra, então, de estatuto científico, tendo como consequência extrema a exclusão social. Desta forma, a maior parte dos internos do Hospital Nacional dos Alienados era composta por pobres e negros:

A mestiçagem era compreendida como responsável pela produção de um tipo híbrido, inferior física e intelectualmente. Tomada como sinônimo de degeneração não só racial como social, era a partir da miscigenação que se previa a loucura, se entendia a criminalidade e, posteriormente, se definiram programas de melhoramento da raça (WEYLER, 2006, p. 20).

Desta forma, tem como propósito o controle da vida social, baseado em aperfeiçoar a população, justificando uma atuação médica direta sobre esses indivíduos, sua forma de vida e espaços sociais, como referenciado por Cunha:

Os hospícios consolidam-se inicialmente como espaços destinados à cura, à regeneração e às tarefas de “assistir, tratar e consolar” um tipo especial de enfermos da razão, incompatibilizados com as disciplinas requeridas pela ordem burguesa. Constituem, em outras palavras, um espaço médico destinado a indivíduos que já não cabiam na ordem social, sob o comando de “especialistas” de uma modalidade médica que então se inaugurava (CUNHA, 1986, p. 21).

Nasceram assim como compromisso de garantir um futuro saudável, cabendo à psiquiatria o projeto de ordenar e disciplinar a vida das pessoas nas cidades. Estas e outras questões são colocadas por Lima Barreto em seus livros. Sobre a origem dos internos o autor diz:

Os loucos são de proveniências as mais diversas; originam-se, em geral, das camadas mais pobres da nossa gente pobre. São pobre imigrantes italianos, portugueses, espanhóis e outros mais exóticos; são negros roceiros, que levam a sua humanidade, teimando em dormir pelos desvãos das janelas sobre uma esteira ensebada e uma manta sórdida; são copeiros, são cocheiros, cozinheiros, operários, trabalhadores braçais e proletários mais finos, tipógrafos, marceneiros etc. (BARRETO, 2010, p. 205).

Dando a ver a questão político-social predominante na época e no Rio de Janeiro, era visto como necessária a retirada dos alienados das ruas e do convívio social para manutenção da ordem, entendida como a forma de progresso do país. Este movimento tinha como principal fundamento o pensamento psiquiátrico sobre a população, que se dava diretamente em forma de controle, passando pela internação ou esterilização compulsória daqueles que fossem considerados como degenerados, até mesmo pelo controle dos casamentos, como forma de dificultar a miscigenação, que era vista como indesejável e inadequada. Aqueles doentes vistos como pacientes em fase transitória e corrigível deveriam evitar os maus hábitos e perversões. No entanto, aqueles considerados como doentes crônicos deveriam desaparecer ou pelo isolamento ou por meio da esterilização. Toda essa estrutura,

Age em conjunto com outros meios, como a polícia e o judiciário – se dá através do controle dessa massa urbana, dos vadios, das prostitutas, dos radicais políticos

etc. O objetivo é criar o cidadão pacato, do mesmo modo em que visa amansar e disciplinarizar a força de trabalho, para que esta se encaixe nos moldes republicanos de relação econômica capitalista (PAULA, 2004, p. 12).

Para grande parte dos médicos da época, a mestiçagem era considerada fator fundamental para a degenerescência da raça do país, o negro e o indígena não poderiam, dessa forma predominar na mistura, como expõe Weyler: “Casos de embriaguez, alienação, epilepsia e desobediência civil eram tomados como prova de que o cruzamento racial leva à degeneração” (2006, p. 21). Desse ponto de vista fica claro que os hospícios serviam, na verdade, como mais uma forma de projetar uma raça brasileira através de um branqueamento racial.

No panorama da abolição da escravidão, dos grandes movimentos migratórios e de crescimento das cidades, temia-se o caos urbano, a criminalidade e a inferioridade de um povo muito distante dos padrões europeus. Era intensa a preocupação de políticos e intelectuais em livrar a sociedade do convívio com indivíduos e grupos considerados inferiores e perigosos (WEYLER, 2006, p. 19).

Fica claro dessa forma que o discurso psiquiátrico acaba por caracterizar a doença mental como mal criado pelo hibridismo, que resulta em diversos desvios, interferindo diretamente em uma decadência social, não somente individual, sendo que deveriam ser sanados todos os problemas, excluindo todos aqueles que não se adequassem ao novo sistema que fora instituído, fossem eles considerados vagabundos ou alcoólatras, etc. A forma como estas pessoas eram levadas ao hospício era também um questão importante, posto que era também papel da polícia, como aponta Paula:

Tanto na questão do controle político quanto urbano, a polícia foi reorganizada e ampliada para dar conta de seu papel como principal braço executor do poder governamental no controle social. Ou seja, a polícia foi, efetivamente, o maior fornecedor de pacientes para os hospitais psiquiátricos da cidade do Rio de Janeiro. Estima-se que algo em torno de 80% dos internos foram trazidos pelos braços da polícia. Este fato colabora para afirmar nossa hipótese de que o discurso e a prática psiquiátrica, que são faces diferentes de uma mesma moeda, configuravam-se basicamente como estratégias de controle, à medida que permitiam medicalizar uma série de comportamentos pessoais e coletivos, dando-lhes outras conotações que extrapolavam os limites do econômico, do social e político (PAULA, 2004, p. 17).

Um ponto importante a se tratar é sobre quais os critérios para o diagnóstico e triagem dos pacientes que chegavam aos manicômios da época, eram levados em conta os traços étnicos e a condição socioeconômica de negros e pardos, de forma que o fato de serem levados ao hospício pela polícia atribuía a eles um estigma, devido aos discursos médicos e científicos que tinham todas estas condições como patologias, como é exposto por Paula:

Verificavam-se os seguintes quesitos: raça, altura, busto, grande abertura, grande circunferência, arcos (e suas várias referências) e comprimentos (pés, antebraço, braço, orelha, cada um dos dedos, coxas e pernas). A intenção era esmiuçar todas as características físicas possíveis e correlacioná-las aos sintomas de anormalidade, buscando, assim, especificar os aspectos nosológicos do paciente (PAULA, 2004, p. 05).

Aproximando-se do que sofreu Lima Barreto, diante deste contexto histórico e social, o autor das obras *Diário do Hospício* e *O Cemitério dos Vivos* era um negro, suburbano, que transitava entre duas realidades distintas: a de um jovem pobre e negro que, no entanto, diferente da maioria, teve a oportunidade de uma boa educação. Concurso-se em 1903 para amanuense na Diretoria do Expediente da Secretaria da Guerra, onde trabalhou até sua aposentadoria, 15 anos mais tarde, diagnosticado com “epilepsia tóxica”. Conseguiu, mesmo com seu problema com o alcoolismo, trabalhar em sua literatura e nas obras citadas, expondo não somente sua experiência dentro deste ambiente manicomial como também expressando opiniões muito contundentes sobre os fatores científicos e médicos abordados anteriormente neste capítulo. Como, por exemplo, a chegada de pessoas pela mão da polícia: “O Pavilhão de Observação é uma espécie de dependência do Hospício a que vão ter os doentes enviados pela polícia, isto é, os tidos e havidos por miseráveis e indigentes, antes de serem definitivamente internados” (BARRETO, 2010, p. 177).

Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) foi internado pela primeira vez em 25 de dezembro de 1919. A segunda internação aconteceu em 2 de fevereiro de 1920. A experiência de internação do escritor no Hospital Nacional de Alienados demonstra que Barreto foi um autor que carregava em sua escrita um tom melancólico, principalmente no que diz respeito à sua família; por ser o filho mais velho, com a ausência de seu pai tornou-se o “provedor” de sua família e, neste momento, enfrentando sérios problemas financeiros devido à demora da aposentadoria do pai e da não solidez de sua carreira como literato, em alguns momentos chega a apontar essas questões como sendo os mais importantes motivos de ele recorrer a bebida.

Aborrece-me este Hospício; eu sou bem tratado; mas me falta ar, luz, liberdade. Não tenho meus livros à mão; entretanto, minha casa, o delírio de minha mãe... Oh! Meu Deus! Tanto faz, lá ou aqui... Saírei desta catacumba, mas irei para a sala, mortuária que é minha casa (BARRETO, 2010, p. 94).

O autor temia as responsabilidades que teria de encarar fora do hospício e ao mesmo tempo estar naquele lugar e situação causava a ele muita angústia. O fato de não ser reconhecido, não alcançar os objetivos pretendidos como literato, que era aparentemente o único sonho que almejava, consome sua vitalidade de tal maneira que não consegue lidar com isso de forma sóbria. Ao redor disto tem uma família que se desestruturou com a doença de seu pai, um emprego que ele não gostava, sem nenhum relacionamento afetivo citado a não ser a uma esposa falecida (que se sabe que não teve), e considerando o momento histórico, as questões raciais, sociais e familiares, é compreensível a situação em que esteve Lima Barreto.

Não me incomodo muito com o Hospício, mas o que me aborrece é essa intromissão da polícia na minha vida. De mim para mim, tenho certeza que não sou louco; mas devido ao álcool, misturado com toda espécie de apreensões que as dificuldades de minha vida material há seis anos me assoberbam, de quando em quando dou sinais de loucura: delírio (BARRETO, 2010, p. 44).

Dentro da obra estudada, são muitas as passagens em que o autor faz críticas

muito pertinentes a questão da hereditariedade, trazida pela teoria eugenista:

Apela-se para a hereditariedade que tanto pode ser causa nestes como naqueles; e que, se ela fosse exercer tão despoticamente o seu poder, não haveria um só homem de juízo, na terra. É bastante pensar que nós somos como herdeiros de milhares de avós, em cada um de nós se vem encontrar o sangue, as taras deles; por força que, em tal multidão, há de haver *detraquês*, viciosos etc., portanto a hereditariedade não há de pesar sobre este e sobre aquele, cujos antecedentes são conhecidos, mas sobre todos nós homens. Por ser remota? Mas as forças da natureza não contam o tempo; e, às vezes mesmo, as mais poderosas só se fazem notar quando se exercem lentamente, durante séculos e séculos. A explicação por hereditariedade é cômoda, mas talvez seja pouco lógica (BARRETO, 2010, p. 213).

Ele critica o discurso médico da época, se opondo a esta hereditariedade, algo que muito provavelmente não deveria estar claro desta mesma forma para os outros internos, em virtude de que Barreto teve o privilégio de ser um homem que mesmo na condição de negro e pobre, ascendeu a um lugar incomum aos outros indivíduos advindos destas condições: o de se tornar um intelectual. O autor demonstra estar atualizado acerca do que estava sendo dito sobre pessoas que, como ele, eram apontadas como decadentes. Outro fator a que se atém o autor é a da “verdade médica e intelectual” como sendo a única possível e respeitável. Sobre isso ele diz que “O Hospício tem uma particular admiração pelos títulos doutorais, patentes, e um culto pelas nobiliarquias familiares” (BARRETO, 2010, p. 250).

No hospício, Lima Barreto observa que apesar de vivos, aqueles homens com quem conviveu eram tratados como anônimos, como ele também se sentiu no início, até mesmo pela forma como foi encaminhado para lá. Mostra-se abalado em muitos momentos durante o tempo de internamento, passa por diferentes sessões dentro do hospício, que foram importantes para a visão que ele passa a ter desse lugar, conseguindo escrever condizentemente dentro dessa situação limite. Os relatos de Lima ajudam a imaginar como aquele ambiente adoecia os internos, gente que sofria de problemas categoricamente distintos eram postos ali e como o autor deixa claro, eram divididos entre os que podiam pagar e aqueles que tinham pouco ou nada, que eram abandonados perdendo seus nomes e sua história, sendo estes em sua maioria negros e que não por coincidência, até mesmo pelo que era sustentado pela ciência naquele momento, eram subjugados:

A polícia, não sei como e por quê, adquiriu a mania das generalizações, e as mais infantis. Suspeita de todo o sujeito estrangeiro com nome arrevesado, assim os russos, polacos, romaicos são para ela forçadamente caftens; todo cidadão de cor há de ser por força um malandro; e todos os loucos hão de ser por força furiosos e só transportáveis em carros blindados (BARRETO, 2010, p. 178).

Sendo sequestrados da sua vida e postos sob custódia do estado e do médico responsável, sem que pudessem responder por si. Essa relação que se estabeleceu com os doentes durante a primeira república revolta Lima Barreto, que testemunhando a exclusão desses doentes de sua vida social questiona o tratamento dado a estes, pela visão do paciente, uma visão que poucas vezes aparece na literatura brasileira.

3 | LITERATURA COMO FONTE HISTÓRICA

A escrita do autor, baseada em sua vivência, transforma sua narrativa em um relato pessoal e social dos acontecimentos da época uma vez que “A literatura tem um forte potencial de representação, que trata de descrever e faz dela uma forma de diálogo franco com o imaginário, podendo, inclusive, provocar os sentimentos do público leitor e alcançar as memórias de um povo” (COSTA, 2016, p.24). Permitindo que se tenha, através do romance, certa consciência histórica do que se passava com questões médicas e políticas daquele dado momento, sendo assim, uma vez sabido que a literatura possibilita a aproximação sobre um tema ou um período histórico e tomando conhecimento também de alguns pressupostos científicos do período, como a eugenia e o alienismo, que dão uma melhor compreensão das denúncias e inquietações trazidas na obra, é possível afirmar que:

Lima Barreto (LB), no sentido revolucionário, foi um produto histórico e social de sua época. Mesmo tendo sofrido discriminações várias, ele soube, em sua literatura, compor uma obra mestra sobre a sociedade em que vivia, suas mazelas e alegrias. Mesmo sentindo-se inferiorizado no meio social e cultural que o cercava, ele cumpriu o esforço de ultrapassar tudo isto em nome da literatura (SANTOS, 2005, p. 194).

Por esse ponto de vista, há de se pensar que literatura e história trazem aspectos sobre um dado período e um dado lugar, onde o histórico faz parte da construção desse literário e sobre o literário pode-se dizer que “toda criação artística é produto de um tempo e de um lugar específicos, e corresponde a uma determinada atuação do homem em interação com o seu universo” (GOBBI, 2004, p. 37). Dessa forma, uma das possíveis leituras da obra barreteana é igualmente um caminho para possibilidade de leitura do histórico, uma vez que o autor narra as experiências tidas por ele no hospício, que dão a ver a forma como ele representa este dado lugar e dada época.

A vinculação do escritor com a História constitui um dado essencial de sua relação com o conjunto da sociedade de seu tempo (ou seja: há uma interação viva entre a ligação do escritor com os problemas sociais de sua época e sua percepção da história) (GOBBI, 2004, p. 47).

Lima Barreto não era louco, se colocarmos os motivos de internação em pauta no nosso contexto histórico atual; entretanto, a partir da concepção científica da época, ele foi internado como sendo louco. Desta forma, ele pôde vivenciar a prática médica racista e alienante. Neste momento, visto como louco, um alcoólatra, foi oprimido dentro nesta estrutura social, a experiência do autor dá a ver o lugar reservado a essas pessoas que eram indesejadas pela sociedade e excluídas por ela.

Ao utilizarmos um diário como fonte, entendendo esse como uma “escrita ordinária” podemos alcançar as práticas culturais de uma época, identificar elementos que nos permitam entender vidas comuns e entrecruzar fatos e tempos, analisando os diferentes sentidos que os marcam. Fontes históricas, os diários passaram a ser vistos como documentos valiosos para a compreensão do cotidiano em suas

diferentes matizes, uma vez que, a escrita de si carrega tensões e dilemas do mundo a qual integra (BARROS; NEVES, 2016, p. 13).

Apesar de saber que a escrita do autor não foge de suas “edições”, o que faz desta um arranjo daquilo que foi vivenciado por ele, essa comparação sobre os fatos históricos e literários não se torna um empecilho, sendo seus registros um auxílio para refletirmos sobre as experiências de seu determinado tempo e lugar. Assim como toda a conjuntura de determinada época e suas respectivas semelhanças,

as relações entre história e ficção parecem mesmo constituir um dado inalienável ao próprio fazer artístico, que corresponderia, portanto, à configuração estética do mundo: por meio de instrumentos expressivos adequados, o escritor cria uma sistema simbólico de representação da realidade (GOBBI, 2004, p. 37).

Os traumas históricos e as práticas nacionais são dispostas nas manifestações artísticas, como a literatura, que representa recriações da realidade e provocam reflexões. E acaba tomando nas obras analisadas um papel social desta literatura. O autor que sofreu sua inadequação de negro e pobre dá voz a centenas de outros homens, a quem ele dedica capítulos a descrever. A interface que se pretende fazer neste capítulo, entre história e literatura faz uso da literatura como uma fonte privilegiada ao passado, levando-se em conta o contexto histórico e social para melhor compreender sua escrita, como aponta Camilotti e Naxara,

não é difícil constatar o quanto história e literatura estiveram e são aproximadas para se pensar as nações e nacionalidades (entre elas o Brasil) quando se trata de avaliar a sua importância para contar e cantar a nação – seja pela demarcação e atribuição de valor e significado aos acontecimentos, seja pela procura de compreensão das relações estabelecidas no conjunto da sociedade (2009, p. 48).

Ao utilizarmos *Diário do Hospício* e *O Cemitério dos vivos* como fontes, precisamos estar cientes de que não estamos lidando com a sinceridade do autor expressa na narrativa, ou seja, com o que verdadeiramente aconteceu. A escrita de si ordena, rearranja e significa o trajeto de uma vida através do texto, mesmo partindo desse pressuposto esses registros podem nos fazer compreender experiências de vida de um determinado tempo e lugar, culturas de uma época e as relações sociais. Nesse aspecto, é evidente a importância da literatura como uma fonte que pode ser analisada e comparada com os relatos e pesquisas sobre a questão médica/científica e manicomial da época.

4 | DISCURSO MÉDICO E LITERATURA BARRETEANA

Lima Barreto, durante o tempo que passou internado no Hospício Pedro II, conheceu e foi paciente de alguns médicos importantes no cenário brasileiro, um deles em especial foi Juliano Moreira (1872-1933), um dos precursores da psiquiatria no Brasil. Baiano, negro, de origem humilde e divergia de muitos médicos da época. Não concordava com as teorias da degenerescência. Nasceu em Salvador e ingressou

aos 13 anos de idade na Faculdade de Medicina. Após receber o título de doutor em medicina ele foi admitido como professor da Universidade da Bahia, e após passar uma temporada na Europa, tratando de uma tuberculose, aproveitou para desenvolver estudos no campo da psiquiatria, dedicando-se a saúde mental. Tornou-se diretor do Hospital Nacional de Alienados (Hospício Pedro II), no Rio de Janeiro, onde ficou reconhecido pelo empenho com a modernização da psiquiatria brasileira. Sobre a postura do médico, Costa explica:

o diretor estava pronto para o diálogo, sempre de portas abertas. Com essa atitude, quebrava as regras que imperavam na instituição. Interagia facilmente com os internos, ouvindo-os sempre que possível. Esse gesto demonstrava sua postura frente ao manicômio, rompendo com os pressupostos tradicionais acerca do tratamento dos alienados mentais, que era baseado somente na observação, sem dar aos sujeitos da doença a possibilidade de diálogo (COSTA, 2016, p. 72).

Juliano Moreira e Lima Barreto tinham em comum a discordância com a forma de como a sociedade tratava as pessoas negras e marginalizadas. E se propunham à mudança, questionando e acreditando em suas capacidades. O médico teve papel fundamental na fundação de diversas especialidades no Brasil, como a neurologia e a psiquiatria. Juliano Moreira, conhecendo a aptidão de Barreto para a escrita, sabia que naquele espaço o autor estaria limitado, por esse motivo, foi ele quem orientou que deslocassem o escritor para um espaço aonde ele quisesse ir e pudesse escrever, como conta o autor em seu livro.

Na segunda-feira, antes que meu irmão viesse, fui à presença do doutor Juliano Moreira. Tratou-me com grande ternura, paternalmente, não me admoestou. Fez-me sentar a seu lado e perguntou-me onde queria ficar. Disse-lhe na Seção Calmeil. Deu ordens ao Sant'Ana e em breve lá estava eu (BARRETO, 2010, p. 51).

Juliano Moreira mostra seu olhar divergente, com uma visão psiquiátrica que buscava modernização, sendo reconhecido por Lima Barreto, que o representa como um dos poucos médicos que os tratava de forma humanizada.

Todos gabavam muito o seu talento, a sua ilustração; mas – não era bem por isso que eu o amava. Nunca lhe tinha lido um trabalho, só mais tarde me foi dado fazer isso, não tinha nenhuma ilustração no assunto do seu saber para julgar; mas, conquanto sentisse logo um homem superior, eu o amava pela sua exalação de doçura (BARRETO, 2010, p. 224).

O médico via como errônea a condição das pessoas internadas compulsoriamente no hospício e pensava a forma e o tratamento adequado de que necessitavam. Teve papel importante na oposição à degeneração do povo brasileiro que teria como causa a “mestiçagem”, que tentavam sustentar, baseada em uma suposta negatização dos negros na miscigenação. Rompia também com outro pressuposto do período, de que algumas doenças mentais teriam como motivação o clima tropical. Barreto e Moreira se tornaram amigos, o escritor em suas menções sobre o médico sucessivamente o coloca em sua obra com afeto.

O autor retribuiu não só ao médico essa memória, mas possibilitou trazer para o imaginário contemporâneo um exemplo de cidadão negro que lutou por

reformulações no tratamento dos alienados. Também resguarda-se nas páginas desse romance a nota a uma personalidade negra, em uma profissão que estava até então muito distante de pessoas da origem de Lima Barreto e do próprio Moreira (COSTA, 2016, p. 95).

Enquanto isso, o cenário nacional voltado para higienização da República se mostra uma preocupação para Lima Barreto, que demonstra desconfiança pelos médicos e práticas científicas, que muitas vezes se baseavam em uma tentativa de “melhoramento” da raça brasileira.

Após o período de pessimismo que marcou o final do século XIX, pautado por teorias que apontavam a inviabilidade do país, o início do século XX voltou-se para sanear o país e higienizá-lo, em um novo otimismo frente ao futuro. Os diferentes campos científicos se conjugavam em torno de um projeto educativo e profilático, com o objetivo de regenerar o brasileiro e adequá-lo aos valores e hábitos rumo ao ideal de um novo perfil humano (FACCHINETTI, 2005, p. 02).

Assim, a República se apresentava como uma política de princípios impessoais e técnicos, centrados na organização social e na administração do Estado, que, frente os fluxos migratórios, refletia na comunidade médica uma preocupação com as perdas e ganhos do desenvolvimento de uma “raça brasileira”. Neste momento, o racismo científico se disseminou entre uma parte considerável de profissionais de saúde pública e o ideal de branqueamento se tornou recorrente entre a comunidade médica. A incorporação do racismo científico nesse campo profissional projetou nos pacientes das instituições psiquiátricas uma terapia fundamentada no racismo, sendo estes, levados pela polícia ao hospício como criminosos.

A maior parte das pessoas internadas era composta por aqueles mantidos pelos cofres públicos (870), entre os quais predominavam os pobres. As seções Pinel (380) e Esquirol (235) se destinavam aos alienados designados como indigentes. Note-se que 89% das internações eram feitas por requisição do Distrito Policial (FACCHINETTI, 2005, p. 03).

A instauração do regime republicano atingiu, em decorrência das mudanças políticas do país, uma grande parcela da população. “A cidade movia-se na velocidade das obras que a tomavam. As pessoas que não conseguiam acompanhar tudo isso estavam condicionadas a emaranhar-se nas dificuldades do cotidiano” (COSTA, 2016, p. 26). Não se pode negar a grande influência dessa mudança para o “desequilíbrio” de muitas pessoas, resultado das transformações nos diversos campos sociais, culturais e arquitetônicos, como, por exemplo, criações e expansão das favelas. E, por qualquer que fosse a motivação, alcoólica, prostituição, vadiagem, entre outras, as pessoas que se distanciavam do que era imposto pela vigilância higiênica e política do período, eram isolados, excluídos ou internados. Uma vez que muitas pessoas não conseguiam manter-se em um estado considerado “natural ou normal”. Aí estava o papel do hospício, com o “dever” de corrigir e alinhar estas pessoas ao que era tido como aceitável, cumprindo mais o papel de agente policial e político do que interessado em tratar da saúde mental, utilizando como desculpa a assistência médica. Desta forma, Lima Barreto volta seu olhar para estes debates de seu tempo, incluindo em

sua narrativa sua desconfiança no que diz respeito aos médicos.

Barreto avalia com certo descontentamento a visão dos médicos que refletiam a postura do “intelectual” típico de seu tempo, que se inserem em um meio de letras, leituras e acabam esquecendo-se do que ele chama de “natureza”, ou seja, os seres humanos que estão submetidos ao seu cuidado (COSTA, 2016, p. 26).

Na sequência se fará uma comparação, alguns trechos de pensamentos dos médicos da época para contrastar com a visão de Lima Barreto. Magali Gouveia Engel, pesquisadora com ênfase em história da psiquiatria no Brasil, aborda em seu trabalho intitulado *As fronteiras da anormalidade: psiquiatria e controle social* (1999), alguns aspectos sobre a política social da psiquiatria na sociedade brasileira de fins do século XIX e início do século XX. Neste trabalho, a autora cita um pensamento de Henrique Britto de Belford Roxo (1887-1969), médico psiquiatra brasileiro, que demonstra o pensamento de parte da comunidade médica e científica da época:

Não é a constituição física do preto, a sua cor escura que lhe marcam o ferrete da inferioridade. É a evolução que se não deu. Ficaram retardatários. Ao passo que os brancos iam transmitindo pela herança um cérebro em que as dobras de passagem mais se aprimoravam, em que os neurônios tinham sua atividade mais apurada, os negros que indolentemente se furtaram à emigração, em que a concorrência psíquica era nula, legavam a seus descendentes um cérebro pouco afeito ao trabalho, um órgão que de grandes esforços não era capaz (Roxo, 1906 apud Engel, 1999, p. 04).

Competia, então, aos alienistas a tarefa de identificar e isolar os indivíduos degenerados, protegendo os demais do que pudesse causar ou aparentar desordem. Como forma de livrar a sociedade da degeneração, o alienismo acabou servindo até mesmo como instrumento de combate ao crime, impondo regras de moral e convívio social e tendo como “mão direita” a polícia. O internamento nos hospícios como ação de higiene social apagava a imagem de desordem urbana, disciplinando, de forma autoritária estas pessoas a se tornarem pacíficas. Na contramão destas práticas, havia médicos como Juliano Moreira e intelectuais e escritores como é o caso de Lima Barreto que, sobre o discurso médico comenta:

Parecia-me que estávamos, quanto à experiência, ao método experimental, caindo nos mesmos erros e exageros que os escolásticos, seus silogismos e outras alusões e preconceitos lógicos, bem etiquetados, enfileirados e disciplinados (BARRETO, 2010, p. 154).

Uma importante figura que “encabeçou” este movimento da “degenerescência e mestiçagem” no Brasil foi Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906), médico brasileiro, que em sua produção tangencia também outras áreas do conhecimento, segundo este, as raças que formam o povo brasileiro, indígena, negra e branca conduziram “aos produtos de seu cruzamento caracteres patológicos diferenciais de valor” (RODRIGUES, 1939, p. 203). Sendo que, para ele, a influência do negro na raça brasileira, “há de constituir sempre um dos fatores da nossa inferioridade como povo” (RODRIGUES, 1982, p. 28).

A obra do médico buscou demonstrar a inferioridade das raças negra e amarela,

indicando a inaptidão dessas pessoas para uma série de atividades, até mesmo na capacidade de desenvolver uma civilização. Para ele, o fato de os brasileiros terem descendido de “negros puros” ou miscigenados representava atraso para a nação, que seriam “produto de marcha desigual do desenvolvimento filogenético da humanidade” (RODRIGUES, 1935, p. 05). Afirmava ainda que a presença negra no Brasil funcionaria permanentemente como um fator limitador da civilização do país. Havendo a possibilidade de “melhora”, que, no entanto, seria limitada, devido à miscigenação, uma vez que, para o autor, a presença dos “mestiços” poderia ser ainda “pior do que a negra”.

Pensamentos que, a exemplo de Francisco Franco da Rocha, médico psiquiatra que participou da sociedade eugênica, acreditava em “moléstias constitucionais devidas ao desenvolvimento incompleto do cérebro ou à degeneração hereditária” (ROCHA, 1898, p. 53), apontando que “é a tara hereditária a causa principal da loucura entre nós” (ROCHA, 1901, p. 09). Era ele também quem divulgava outro pressuposto comum à época, de que existiriam doenças mentais próprias dos climas tropicais:

O jagunço, *mestiço* do sertão, diverso do mestiço do litoral, conserva o caráter indomável do selvagem, o gosto errante e nômade, a resistência ao sofrimento físico, à fome, à sede, às intempéries; sempre resoluto e pronto para as depredações à mão armada e para servir aos interesses do que souber dirigi-lo, é uma criatura de mentalidade inferior, ainda atrasada para compreender tanto uma religião como uma forma de governo abstrata; é monarquista porque precisa de um rei que concretize para ele o Governo; é fetichista porque precisa de imagens de santos, de missionários, de enviados diretos de Deus. O raciocínio do jagunço não vai além disto: na monarquia a vida era fácil, na República está custosa (ROCHA, 1899, p. 237-38).

Apesar da teoria da degenerescência e da negatividade atribuída a “mestiçagem” serem hegemônicas no campo da psiquiatria deste período, existiam vozes que se contrapunham tanto dentro da própria psiquiatria, quanto no campo da literatura. Lima Barreto é um exemplo no campo da literatura, ele divergia das ideias hegemônicas como as de Nina Rodrigues, exemplificadas acima, bem como de experiência de vida, considerando que ele esteve sob custódia do Estado como paciente psiquiátrico. A seguir, Lima Barreto em seu livro *O Cemitério dos vivos* expõe ponderações acerca da psiquiatria oficial:

Procuram os antecedentes, para determinar a origem do paciente que está ali, como herdeiro de taras ancestrais; não há homem que não as tenha, e se elas determinam loucura a humanidade toda seria de loucos. Cada homem representa a herança de um número infinito de homens, resume uma população, e é de crer que nessa houvesse fatalmente, pelo menos, um degenerado, um alcoólico etc. etc. (BARRETO, 2010, p. 244).

Dessa forma, fica clara a real condição para construção da república, passando a responsabilidade de sua desestruturação, culpabilizando aqueles que eram vistos como degenerados e roubando desses qualquer que fosse a possibilidade de réplica, apoiaram as teorias racistas como forma de legitimar a limpeza que faziam nas cidades, para sustentar a falsa aparência de que estariam obtendo êxito e que seria essa uma

tentativa de melhoramento da nação. Fingindo e forçando um controle, sobre a forma como se dava esta exclusão e diminuição dessas pessoas, Lima Barreto narra, sobre esse doloroso efeito:

O terrível nessa coisa de hospital é ter-se de receber um médico que nos é imposto e muitas vezes não é da nossa confiança. Além disso, o médico que tem em sua frente um doente, de que a polícia é tutor e a impessoalidade da lei, curado, por melhor que seja, não o tem mais na conta de gente, é um náufrago, um rebotalho da sociedade, a sua infelicidade e desgraça podem ainda ser úteis à salvação dos outros, e a sua teima em não querer prestar esse serviço aparece aos olhos do facultativo como a revolta de um detento, em nome da Constituição, aos olhos de um delegado de polícia. A constituição é lá para você? (BARRETO, 2010, p. 245).

O autor temia os médicos, fãs de “novidades e métodos” científicos, dos testes ou remédios que poderiam experimentar nele, como alguém que está ali como um camundongo de laboratório. Havia médicos de que ele não confiava e que, como na sua condição de paciente, não podia simplesmente recusar. Havia nele este medo por saber que era possível que o fizessem, como ele expõe no trecho a seguir.

Essa sua falta de método, junto a minha condição de desgraçado, dava-me o temor de que ele quisesse experimentar em mim um processo novo de curar alcoolismo em que se empregasse uma operação melindrosa e perigosa. Pela primeira vez, fundamentalmente, eu senti a desgraça e o desgraçado. Tinha perdido toda a minha proteção social, todo o direito sobre o meu próprio corpo, era assim como um cadáver de anfiteatro de anatomia (BARRETO, 2010, p. 246).

Lima Barreto foi uma voz exceção, entre tantos outros anônimos, a quem o governo republicano enclausurou, como forma de lidar com o crescimento urbano e industrial do país, se utilizando da teoria da degenerescência e higienização social, vendo nestas um mecanismo de controle. Os alienistas, higienistas e etc. se voltavam para uma profilaxia urbana. Como se as cidades estivessem passando por uma espécie de epidemia social que precisava ser controlada. Para tanto, aglomeravam indivíduos, retirando destes suas individualidades e subjetividades, tornando-os pessoas anônimas, em sua maioria, pessoas negras.

Devido à pigmentação negra de uma grande parte dos doentes aí recolhidos, a imagem que se fica dele, é que tudo é negro. O negro é a cor mais cortante, mais impressionante; e contemplando uma porção de corpos negros nus, faz ela que as outras se ofusquem no nosso pensamento (BARRETO, 2010, p. 211).

O autor transformou sua escrita em um meio de apresentar, denunciar e problematizar os diversos aspectos da vida dos sujeitos que sofreram nesta época e, se aprofundar sobre fatos e realidades que conheceu de perto. Inteirar-se das motivações políticas que estão por trás desta reviravolta que aconteceu no Brasil da Primeira República possibilita alcançar aspectos muitas vezes esquecidos em nossa literatura e que são de suma importância para a leitura desse dado momento histórico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura barreteana destaca as contradições da introdução de um novo regime político e social. Apesar da mudança política monárquica e escravagista, a República manteve uma organização social racista, não mais por objetivos predominantemente econômicos, mas, se valendo de uma forma de racismo científico.

Lima Barreto tornar-se uma voz social, contribuindo através de sua literatura a compreensão deste espaço manicomial durante o período da primeira república, um relato fidedigno a todas as questões que estudiosos trabalham hoje sobre aquele período histórico, um autor engajado naquilo que ocorria dentro de seu tempo. Uma literatura comprometida com a marginalização, sofrimento e a exclusão de seus pares, que conta através de sua história a de tantas outras pessoas que de nenhuma outra forma poderiam ser ouvidas ou conhecidas.

Diante de tudo isto, pode-se de fato pensar a literatura enquanto fonte histórica, uma vez que há na literatura barreteana elementos que constituem a realidade política e social. Existe por parte do autor uma preocupação em expor as questões médicas e políticas da época, onde Lima Barreto expressa seu posicionamento sobre o que aconteceu a ele e a outros, descrevendo sua opinião contrária, sendo a maior preocupação para a República a questão do controle social, que acabava por deixar aquelas pessoas em situação de invisibilidade e negligência. Uma morte social, um cemitério de vivos.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Afonso Henrique de Lima. **Diário do hospício; O cemitério dos vivos**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

BARROS, Adelina A.; NEVES, Frederico. C. **O cemitério dos vivos: loucura e lucidez na experiência manicomial de Lima Barreto**. In: II encontro internacional história, memória, oralidade e culturas, 2016. Disponível em: < http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371323558_ARQUIVO_LimaBarreto-ANPUH.pdf > Acesso em: 20 mar. 2018.

CAMILOTTI, Virginia C.; NAXARA, Márcia R. C. **História e Literatura - fontes literárias na produção historiográfica recente no Brasil**. História. Questões e Debates, v. 50, p. 15-49, 2009. Disponível em: < [file:///C:/Users/NeZa/Desktop/R/document%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/NeZa/Desktop/R/document%20(1).pdf) > Acesso em: 20 jun. 2018.

COSTA, Sidnei S. **Imagens de si, do coletivo e da alteridade em Diário do hospício e O cemitério dos vivos de Lima Barreto**. Orientador: Sidney Barbosa. 101 p. Dissertação (Mestrado – Mestrado em literatura), Brasília 2016. Disponível em:< <http://repositorio.unb.br/handle/10482/22102> > Acesso em: 10 mai. 2018.

CUNHA, Maria C. P. **O espelho do mundo: Juquery a história de um asilo**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.

ENGEL, Magali G. **As fronteiras da anormalidade: psiquiatria e controle social**. Hist. cienc. saude-Manguinhos [online]. 1999, vol. 05, n. 03, pp.547-563. ISSN 0104-5970. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59701999000100001>> Acesso em: 20 jun. 2018.

FACCHINETTI, Cristiana. **Hospital Nacional de Alienados: discursos e práticas para a sociedade**

brasileira. Londrina: ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. 2005. Disponível em: < <https://anais.anpuh.org/?p=14502>> Acesso em: 12 mai. 2018.

GOBBI, *Márcia V. Z.* **Relações entre ficção e história**: uma breve revisão teórica. Itinerários (UNESP), Araraquara - SP, v. 22, p. 12-23, 2004. Disponível em: < <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2736>> Acesso em: 08 jan. 2018.

MATOS, Maria I. S. **Meu lar é o botequim**: alcoolismo e masculinidade. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 2001.

NUNES, Sílvia A. **Histeria e psiquiatria no Brasil da Primeira República**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.17, supl.2, dez. 2010, p.373-389. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v17s2/06.pdf>> Acesso em: 10 set. 2017.

PAULA, Richard N. **O pensamento psiquiátrico na primeira república**: formulações psiquiátricas sobre a criação de uma identidade nacional. 6ª Edição, 2004. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/cantareira/v3/wp-content/uploads/2013/05/e06a06.pdf>> Acesso em: 06 nov. 2017.

ROCHA, Francisco F. **Estatística e apontamentos**: 5º folheto da série, São Paulo: Typografia do Diário Oficial, 1898.

_____. **Estatística e apontamentos**: 6º folheto da série. São Paulo: Typografia do Diário Oficial, 1899.

_____. **Estatística e apontamentos**: 8º folheto da série. São Paulo: Typografia do Diário Oficial, 1901.

RODRIGUES, Nina. **As coletividades anormais**. Organização, prefácio e notas de Artur Ramos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1939.

_____. **O Animismo Fetichista dos Negros Baianos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

_____. **Os africanos no Brasil**. 6ª ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1982.

SANTOS, Nádia M. W. **Histórias de sensibilidades**: espaços e narrativas da loucura em três tempos (Brasil, 1905/1920/1937). 2005. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Orientador: Sandra Jatahy Pesavento. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/12741>> Acesso em: 03 out. 2017.

SCHWARCZ, Lilia. K. M.. **O espetáculo das raças** 5a. edição. 5. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002 Disponível em: <<http://www.historiaecultura.pro.br/cienciaepreconceito/instrumentos/oespetaculodasracas.pdf>> Acesso em: 03 out. 2017.

WEYLER, Audrey R. **A loucura e a república no Brasil**: a influência das teorias raciais. Psicologia USP, 2006, 17(1), 17-34. Disponível em: < WEYLER, Audrey Rossi. A loucura e a república no Brasil: a influência das teorias raciais. Psicologia USP, 2006, 17(1), 17-34> Acesso em: 09 set. 2017.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-378-1

